ISCTE IUL
REPOSITÓRIO
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:
2026-11-11

Deposited version:
Publisher Version

Peer-review status of attached file:
Peer-reviewed

Citation for published item:
Andrade, H.S. & Iannizzotto, L. (2025). O vazio urbano como equipamento cultural alternativo na cidade do futuro: O caso do Zénite em Lisboa. In Gisela Lameira, Luciana Rocha (Ed.), Mais do que casas starbursting: Livro de atas (pp. 110?117). Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Further information on publisher's website:
https://maisdoquecasas.arq.up.pt/abril-2074/#page03

Publisher's copyright statement:
This is the peer reviewed version of the following article: Andrade, H.S. & Iannizzotto, L. (2025). O vazio urbano como equipamento cultural alternativo na cidade do futuro: O caso do Zénite em Lisboa. In Gisela Lameira, Luciana Rocha (Ed.), Mais do que casas starbursting: Livro de atas (pp. 110?117). Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0
The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

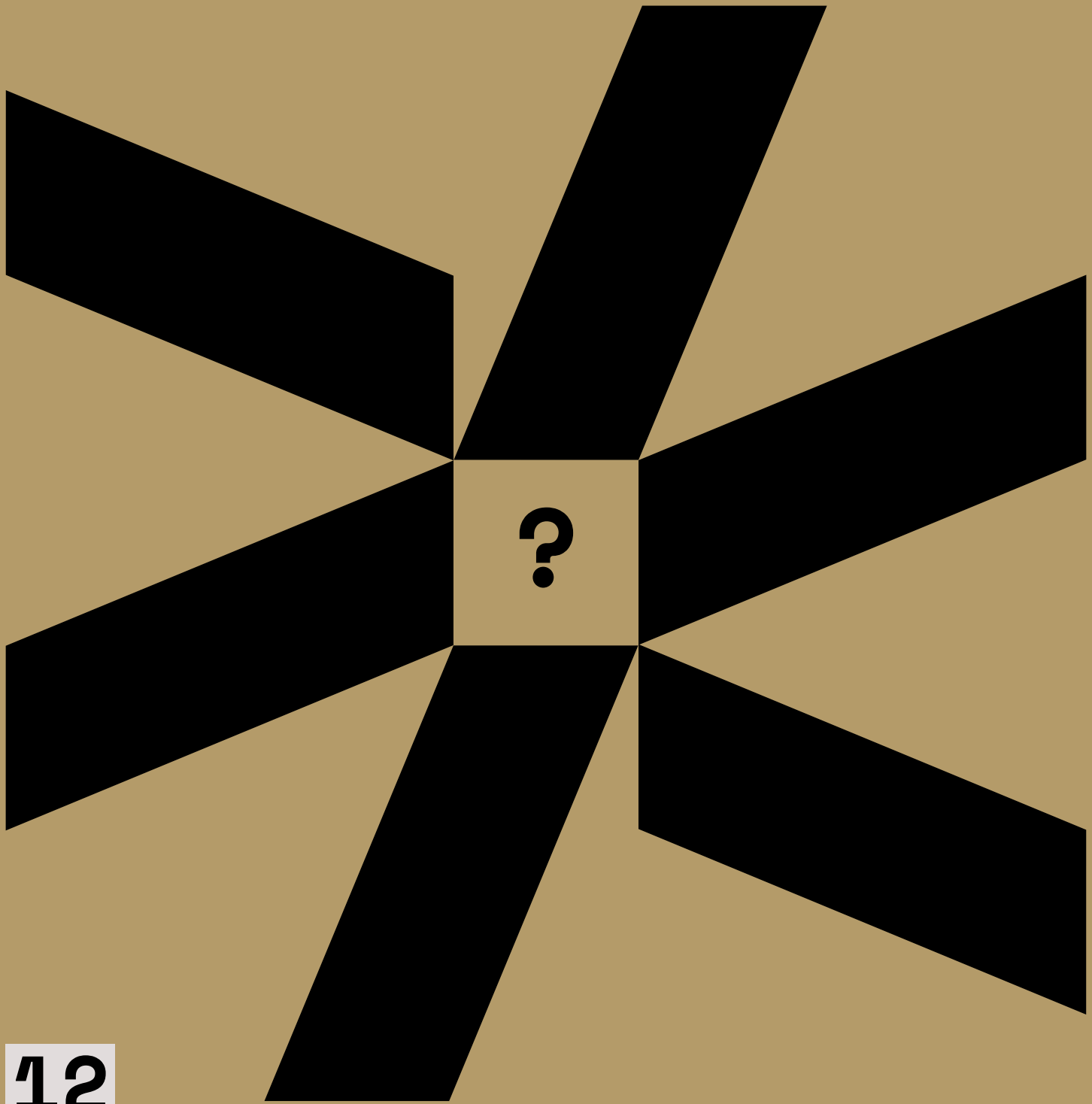
Serviços de Informação e Documentação, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)
Av. das Forças Armadas, Edifício II, 1649-026 Lisboa Portugal
Phone: +(351) 217 903 024 | e-mail: administrador.repositorio@iscte-iul.pt
https://repositorio.iscte-iul.pt

MAIS DO QUE CASAS

STARBURSTING

LIVRO DE ATAS

CONFERÊNCIA



12
FEV
2025

FACULDADE DE ARQUITECTURA
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

MAIS DO QUE CASAS

STARBURSTING

LIVRO DE ATAS

CONFERÊNCIA



GISELA LAMEIRA
LUCIANA ROCHA
(COORD.)

MAIS DO QUE CASAS STARBURSTING.
LIVRO DE ATAS

AUTOR
MAIS DO QUE CASAS [MDQC]

COORDENADORAS
GISELA LAMEIRA
LUCIANA ROCHA

DESIGN GRÁFICO
CEDA — CENTRO DE ESTUDOS EM DESIGN E ARTE ⌿ FBAUP
JOSÉ CARNEIRO [COORDENAÇÃO]
ANA LEITE

EDITOR
FACULDADE DE ARQUITECTURA
DA UNIVERSIDADE DO PORTO [FAUP]

ISBN
978-989-8527-68-4

DOI
HTTPS://DOI.ORG/10.24840/02-2025/978-989-8527-68-4

1ª EDIÇÃO, PORTO, FEVEREIRO DE 2025

DIREITOS DE AUTOR
© DESTA EDIÇÃO, FAUP, PORTO
© DOS TEXTOS, OS AUTORES
© DAS IMAGENS, OS AUTORES

SITE
MAISDOQUECASAS.ARQ.UP.PT

CITAÇÃO (APA STYLE)
Lameira, G., Rocha, L. (coord.) (2025).
Mais do que Casas STARBURSTING: Livro de atas.
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto,
Mais do que Casas.
HTTPS://DOI.ORG/10.24840/02-2025/978-989-8527-68-4

AS FOTOGRAFIAS QUE INTEGRAM ESTA PUBLICAÇÃO
PERTENCEM AOS AUTORES OU FORAM CEDIDAS POR ELES
E NÃO PODEM SER REPRODUZIDAS A PARTIR DESTA EDIÇÃO.
NENHUMA PARTE DESTE LIVRO PODE SER REPRODUZIDA,
DE QUALQUER FORMA, SEM A AUTORIZAÇÃO EXPRESSA
DO EDITOR E DOS AUTORES.

MAIS DO QUE CASAS
U.PORTO FACULDADE DE ARQUITECTURA UNIVERSIDADE DO PORTO
CEAU Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo
fct Fundação para a Ciência e a Tecnologia
50 X2 DEMOCRACIA 25 DE ABRIL
Much more than a window.
OTIIMA

MAIS DO QUE CASAS — STARBURSTING
ORGANIZAÇÃO

COMISSÃO ORGANIZADORA
GISELA LAMEIRA [CEAU-FAUP] — PRESIDENTE
LUCIANA ROCHA [CEAU-FAUP] — PRESIDENTE
RUI JORGE GARCIA RAMOS [FAUP]
CLARA PIMENTA DO VALE [FAUP]
FILIPA DE CASTRO GUERREIRO [FAUP]

COMISSÃO EXECUTIVA
JOÃO PEDRO XAVIER [FAUP]
TERESA CALIX [FAUP]
CLARA PIMENTA DO VALE [FAUP]
FILIPA DE CASTRO GUERREIRO [FAUP]
JOSÉ PEDRO SOUSA [FAUP]
TERESA NOVAIS [CURADORA PROGRAMA MAIS DO QUE CASAS]
LUÍS TAVARES PEREIRA [CURADOR PROGRAMA MAIS DO QUE CASAS]

COMISSÃO CIENTÍFICA
ANA BORDALO [ISMAT]
ANA CLÁUDIA MONTEIRO [ULP]
ANA RUTE COSTA [LICA]
ANA SILVA FERNANDES [FAUP]
ANA CATARINA COSTA [CEG-ULISBOA]
ANA TOSTÕES [IST-UL]
ANA VELOSA [UA]
CATARINA WALL GAGO [EPFL]
CARLOS MACHADO [FAUP]
CARLOS MAIA [EAAD]
DANIELA ARNAUT [IST-UL]
DAVID LEITE VIANA [DAMG]
FERNANDO BRANDÃO ALVES [FEUP]
FRANCISCO FERREIRA [EAAD]
GABRIELA VAZ-PINHEIRO [FBAUP]
GONÇALO ANTUNES [NOVA FCSH]
GONÇALO CANTO MONIZ [DARQ]
GUYA ACCORNERO [ISCTE-UL]
HELENA BOTELHO [FAAULL]
HUGO MACHADO SILVA [UFP]
ISABEL MARTINHO DA SILVA [FCUP]
JOANA MOURÃO [IST-UL]
JOANA PESTANA LAGES [ISCTE-UL]
JOSÉ ANTÓNIO BANDEIRINHA [DARQ]
JOSÉ CARLOS MOTA [UA]
LUÍS SANTIAGO BAPTISTA [ULL]
MARIA TAVARES [FAAULN-FAMALICÃO]
MIGUEL REIMÃO COSTA [UALG]
NELSON MOTA [TU-DELFT]
PAOLO MARCOLIN [ESAP]
PATRÍCIA SANTOS PEDROSA [UBI]
RICARDO AGAREZ [ISCTE-UL]
RICARDO VIEIRA DE MELO [FAAULN-PORTO]
ROBERTO FALANGA [ICS-UL]
SIMONE TULUMELLO [ICS-UL]
SOFIA SALEMA [EARTES]
TERESA ALFAIATE [ISA]
TERESA MARAT-MENDES [ISCTE-UL]
TIAGO MOTA SARAIVA [FA-UL]

COMUNICAÇÃO
CAROLINA MEDEIROS

ASSISTENTES DE CURADORIA
PATRÍCIA REIS
MIGUEL SILVA

STAFF
AFONSO SILVA
ANA RITA FERNANDES
BÁRBARA RODRIGUES
BEATRIZ COSTA
DANIELA PINTO
INÊS PINTO
JOANA BOULTWOOD SÁ
MARGARIDA MOURA
MARIA SOFIA SALDANHA BELTRÃO
SIMÃO ALVES

APOIO
COMISSÃO COMEMORATIVA
50 ANOS 25 DE ABRIL

MECENAS
OTIIMA

TRABALHO DESENVOLVIDO NO ÂMBITO
DO PROGRAMA MAIS DO QUE CASAS.
MAISDOQUECASAS.ARQ.UP.PT

AGRADECIMENTOS
CURADORES DO PROGRAMA MAIS DO QUE CASAS
COMISSÃO EXECUTIVA DO PROGRAMA MAIS DO QUE CASAS
MEMBROS DA COMISSÃO CIENTÍFICA STARBURSTING
AUTORES DE PROPOSTAS SUBMETIDAS STARBURSTING
INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS NO PROGRAMA MAIS DO QUE CASAS
ASSISTENTES DE CURADORIA DO PROGRAMA MAIS DO QUE CASAS
STAFF STARBURSTING
SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA FAUP
OTIIMA
COMISSÃO COMEMORATIVA 50 ANOS 25 DE ABRIL
FAUP
CEAU

STARBURSTING

STARBURSTING é uma forma de brainstorming que procura gerar camadas de questionamento em vez de respostas unívocas e imediatas.

Como vamos habitar em 25 de Abril de 2074?

O **Mais do que Casas STARBURSTING** ambiciona desconstruir esta pergunta complexa através de um desdobramento temático que espelha a diversidade de problemas com que a Arquitetura, entendida num espectro disciplinar lato, se confronta contemporaneamente.

Nesse sentido, definem-se **SETE temas** e um conjunto inicial de perguntas, **DUAS perguntas** por tema, que decorrem do **Manifesto "Mais do que casas"**.

No evento proposto, que decorreu no dia **12 de fevereiro de 2025** nas instalações da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP), propôs-se uma discussão estruturada em **CATORZE sessões paralelas**. As propostas apresentadas resultam de uma chamada de artigos, com revisão cega por pares.

Cada sessão instiga a discussão sobre **UMA pergunta concreta**, espoletando novas perguntas: **como**, **quem**, **quando**, **o quê**, **onde**, **porquê**, serão as dúvidas ou inquietações que procuram adensar a discussão, refinar pontos de vista e perspetivas de abordagem, mais do cristalizar soluções específicas.

A presente publicação resulta de uma chamada de artigos que esteve aberta a toda a comunidade académica e científica. As propostas resultam de investigações individuais e/ou coletivas, nas quais participam estudantes de mestrado integrado/mestrado/doutoramento e investigadores/docentes de um número significativo de instituições de ensino, muitas das quais integradas no Mais do que Casas por via institucional.

QUESTIONAMENTO

#1 CIDADE E ESPAÇO PÚBLICO

Q1. COMO CRIAR MODELOS DE CIDADE INCLUSIVA ATRAVÉS DA HABITAÇÃO?
Q2. QUE SOLUÇÕES HABITACIONAIS PARA A GESTÃO DOS VAZIOS URBANOS?

#2 MODELOS DE HABITAÇÃO

Q3. COMO DESBLOQUEAR INOVAÇÃO NAS TIPOLOGIAS DE HABITAÇÃO?
Q4. COMO RENOVAR MODELOS DE HABITAÇÃO EM CONTEXTOS REGULAMENTARES RESTRITIVOS?

#3 POLÍTICAS DE HABITAÇÃO

Q5. QUE ALTERNATIVAS ÀS ATUAIS POLÍTICAS DE RESPOSTA À CRISE DA HABITAÇÃO EM PORTUGAL?
Q6. O QUE SE RETIRA DO PROGRAMA SAAL NA REPOSIÇÃO DO DIREITO À CIDADE E À HABITAÇÃO?

#4 REABILITAÇÃO

Q7. COMO EQUILIBRAR AS METAS NET-ZERO COM A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO HABITACIONAL?
Q8. QUE ABORDAGENS INOVADORAS DA REABILITAÇÃO URBANA PROMOVEM A HABITAÇÃO SUSTENTÁVEL?

#5 ENCOMENDA PÚBLICA

Q9. QUAL O BALANÇO CRÍTICO AOS CONCURSOS DE CONCEÇÃO PROMOVIDOS RECENTEMENTE PELO IHRU E PELA SRU LISBOA?
Q10. EM QUE MEDIDA OS PROGRAMAS DOS CONCURSOS PÚBLICOS CONDICIONAM A PROPOSTA DE MODELOS DE HABITAÇÃO RENOVADOS?

#6 HABITANTE

Q11. COMO INCLUIR OS HABITANTES NAS DECISÕES QUE DESENHAM O AMBIENTE CONSTRUÍDO RESIDENCIAL?
Q12. COMO FACILITAR O ACESSO DOS HABITANTES ÀS ATUAIS MEDIDAS DE APOIO À HABITAÇÃO?

#7 ADAPTAÇÃO ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

Q13. COMO CRIAR SOLUÇÕES RESPONSIVAS E SOCIALMENTE PARTICIPADAS DE ADAPTAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS?
Q14. COMO OTIMIZAR O USO DE SISTEMAS PASSIVOS E CONDIÇÕES LOCAIS EM MODELOS DE HABITAÇÃO SUSTENTÁVEL?

LINHAS TEMÁTICAS

#1 CIDADE E ESPAÇO PÚBLICO

Q1. COMO CRIAR MODELOS DE CIDADE INCLUSIVA ATRAVÉS DA HABITAÇÃO?

Q2. QUE SOLUÇÕES HABITACIONAIS PARA A GESTÃO DOS VAZIOS URBANOS?

Habitação acessível, mobilidade eficiente, espaços sociais e equipamentos em rede, acessibilidade a pessoas com necessidades diversas, entre outros, são fatores chave na construção de sociedades sustentáveis e inclusivas, tendo a Arquitetura um papel fundamental não só na remoção de barreiras arquitetónicas, mas fundamentalmente no planeamento de um ambiente construído integrado. A habitação é uma peça chave na estruturação de espaços urbanos inclusivos. De igual modo, na gestão da cidade e do espaço público, os vazios urbanos representam um desafio crítico e oportunidades para o desenvolvimento de soluções inovadoras de reutilização. Este desafio levanta a discussão sobre estratégias para conjugar o potencial destes espaços com as necessidades e aspirações das comunidades locais.

#2 MODELOS DE HABITAÇÃO

Q3. COMO DESBLOQUEAR INOVAÇÃO NAS TIPOLOGIAS DE HABITAÇÃO?

Q4. COMO RENOVAR MODELOS DE HABITAÇÃO EM CONTEXTOS REGULAMENTARES RESTRITIVOS?

Considera-se que a abordagem ao projeto da habitação deve ser holística, interligando desafios societais como o envelhecimento da população, as alterações climáticas, a eficiência energética, os processos participativos, a adaptação a padrões de vida em mudança, o conforto e o bem-estar, entre outros, colocando a Arquitetura e a investigação através do projeto numa posição central de debate. Nesse sentido, a discussão contemporânea do “problema da habitação”, além de política, é também eminentemente arquitetónica e, por conseguinte, deverá incorporar a vertente da atualização de tipos e modelos de habitação (numa lógica oposta à ideia de projeto-tipo), ultrapassando propostas cristalizadas. Os modelos (ainda) vigentes conformam, entre outros aspetos, soluções pouco resistentes a alterações dos modos de vida que possam refletir, por exemplo, situações de convívio intergeracional, atividades como o trabalho a partir de casa, ou questões gerais como a adaptação ao envelhecimento dos habitantes ou a adequação a critérios de eficiência energética. Contemporaneamente, urge instigar e desbloquear processos que promovam inovação e renovação das tipologias de habitação.

#3 POLÍTICAS DE HABITAÇÃO

Q5. QUE ALTERNATIVAS ÀS ATUAIS POLÍTICAS DE RESPOSTA À CRISE DA HABITAÇÃO EM PORTUGAL?

Q6. O QUE SE RETIRA DO PROGRAMA SAAL NA REPOSIÇÃO DO DIREITO À CIDADE E À HABITAÇÃO?

A discussão contemporânea da crise habitacional tem sido impulsionada em Portugal através de estratégias de carácter político, traduzidas em alterações legislativas como a promulgação da Nova Geração de Políticas Públicas de Habitação (2018), da Lei de Bases da Habitação (2019), e da recente aprovação pelo governo do pacote de medidas Mais Habitação (2023). O debate em torno das políticas de habitação espoleta também uma reflexão sobre o legado do programa SAAL na luta pelo direito à cidade e à habitação, demonstrando o potencial dos processos inclusivos e participativos. A revisita ao programa SAAL surge então como mote para o desenho de estratégias futuras, questionando sobre a possível integração e adaptação dos seus princípios a estratégias contemporâneas. Ao refletir sobre as atuais políticas de habitação e sobre o SAAL lança-se assim o debate sobre alternativas inovadoras de resposta à crise da habitação em Portugal.

#4 REABILITAÇÃO

Q7. COMO EQUILIBRAR AS METAS NET-ZERO COM A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO HABITACIONAL?

Q8. QUE ABORDAGENS INOVADORAS DA REABILITAÇÃO URBANA PROMOVEM A HABITAÇÃO SUSTENTÁVEL?

A reabilitação é um meio reconhecido e eficaz para a redução do consumo global de energia. Este entendimento desencadeou a promoção de medidas como a “renovation wave” com o objetivo de melhorar a eficiência energética dos edifícios e os padrões de vida dos Europeus, reduzindo as emissões de carbono e combatendo os elevados índices de pobreza energética. Estas ações de reabilitação devem, no entanto, acautelar a preservação do património habitacional. O desafio de equilibrar as metas Net-zero levanta o debate sobre a definição de medidas de reabilitação energética que respeitem a integridade e a identidade histórica dos edifícios. Neste âmbito, abordagens inovadoras são essenciais para alcançar habitações energeticamente sustentáveis, o que inclui o uso de energias renováveis, materiais eco-friendly e a criação de comunidades autossuficientes. O debate sobre as práticas de intervenção correntes, na dupla vertente de preservação do património e de promoção de sustentabilidade na habitação, é essencial para a inovação no sector da construção.

#5 ENCOMENDA PÚBLICA

Q9. QUAL O BALANÇO CRÍTICO AOS CONCURSOS DE CONCEÇÃO PROMOVIDOS RECENTEMENTE PELO IHRU E PELA SRU LISBOA?

Q10. EM QUE MEDIDA OS PROGRAMAS DOS CONCURSOS PÚBLICOS CONDICIONAM A PROPOSTA DE MODELOS DE HABITAÇÃO RENOVADOS?

Segundo o Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU), esta entidade lançou, desde 2020, 26 concursos de conceção, a que correspondem um total de 2.816 habitações, "Dando continuidade à estratégia estabelecida para dar resposta às famílias que não têm capacidade de aceder a uma habitação no mercado livre". Estes concursos promovem a construção de habitações enquadradas no regime de Habitação a Custos Controlados (HCC) e destinam-se a arrendamento no âmbito do Programa de Arrendamento Acessível (PAA). Paralelamente, a Sociedade de Reabilitação Urbana (SRU) tem levado a cabo em Lisboa a construção de habitação a custos acessíveis promovida pelo Município, através de programas de habitação pública enquadrados na Nova Geração de Políticas Públicas de Habitação. Estas iniciativas avolumam concursos, projetos e obras já construídas, constituindo matéria relevante de reflexão sobre a resposta pública aos problemas da Habitação em Portugal.

#6 HABITANTE

Q11. COMO INCLUIR OS HABITANTES NAS DECISÕES QUE DESENHAM O AMBIENTE CONSTRUÍDO RESIDENCIAL?

Q12. COMO FACILITAR O ACESSO DOS HABITANTES ÀS ATUAIS MEDIDAS DE APOIO À HABITAÇÃO?

Face ao contexto atual em que a qualidade dos espaços e o acesso à habitação se destacam como questões prementes, torna-se imperativo assegurar a participação ativa dos habitantes na tomada de decisões. Os processos participativos e de cocriação surgem como estratégias fundamentais para o desenvolvimento de espaços mais inclusivos, e comunidades sustentáveis e resilientes. O envolvimento dos habitantes desde a fase inicial dos processos assegura, também, uma resposta mais assertiva e ajustada às suas necessidades e expectativas. Medidas como a criação de canais de comunicação acessíveis e a implementação de novos programas e políticas de gestão são igualmente essenciais para garantir um acesso democrático aos recursos e instrumentos de financiamento disponíveis. Promover o envolvimento ativo e eficaz dos habitantes nos processos e agilizar o acesso a medidas de apoio preconizadas pelos instrumentos em vigor são práticas urgentes, que importa contextualizar em Portugal.

#7 ADAPTAÇÃO ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

Q13. COMO CRIAR SOLUÇÕES RESPONSIVAS E SOCIALMENTE PARTICIPADAS DE ADAPTAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS?

Q14. COMO OTIMIZAR O USO DE SISTEMAS PASSIVOS E CONDIÇÕES LOCAIS EM MODELOS DE HABITAÇÃO SUSTENTÁVEL?

Num contexto em que as cidades são afetadas por múltiplas pressões (ambientais, sociais e económicas), aumenta a vulnerabilidade social à poluição atmosférica, ao ruído e às temperaturas extremas, fatores que interagem e têm maior impacto na saúde e na qualidade de vida da população com menos recursos económicos, pessoas mais velhas e crianças. A adaptação às alterações climáticas exige, de igual modo, o desenvolvimento de modelos de habitação sustentável. O uso de sistemas passivos como a orientação solar, a ventilação natural ou dispositivos de sombreamento, aliados à otimização das condições naturais do local como o clima (temperatura e ventos dominantes) e a geografia (topografia e vegetação) contribuem para a redução da dependência de meios mecânicos e para a mitigação dos impactos ambientais associados à construção. Criar soluções participadas e otimizadas, tanto no desenho do espaço público como na conceção dos edifícios de habitação são desafios prementes em Portugal, tendo como referência outros países em se verifica um lastro de experimentação com maior consolidação.

#1 CIDADE E ESPAÇO PÚBLICO

Q1 COMO CRIAR MODELOS DE CIDADE INCLUSIVA ATRAVÉS DA HABITAÇÃO?

P.20 A RECUPERAÇÃO DE UMA MEMÓRIA EM RESPOSTA À NECESSIDADE DE HABITAÇÃO
Joana Sabino Barreto

P.27 COMUNIDADE INTER-GERACIONAL
Joana Martins

P.34 POROSIDADE URBANA E ARQUITECTÓNICA: O QUE É, PORQUE IMPORTA, QUANDO DESAPARECEU E COMO RECUPERAR?
Rita Castel'Branco

P.44 REVISITAR O BAIRRO DA MALAGUEIRA: LIÇÕES PARA O PRESENTE E O FUTURO DAS CIDADES
Rodrigo Coelho

P.53 RUMO À RESSIGNIFICAÇÃO DA CONDIÇÃO PERIFÉRICA DA URBANIDADE
Andreia Garcia

Q2 QUE SOLUÇÕES HABITACIONAIS PARA A GESTÃO DOS VAZIOS URBANOS?

P.63 ÁGUAS CRUZADAS
Teresa Amaro Alfaiate

P.74 *CHÃO NOSSO*: NAVE PARA 2074
Álvaro Domingues
Helena Barbosa Amaro

P.83 ECO EXPLORAÇÕES: ARQUITETURA REGENERATIVA NA ACADEMIA
Nadir Bonaccorso

P.92 FAZER CIDADE OU COMO HABITAR O VAZIO URBANO?
Rodrigo Lino Gaspar

P.100 HABITAR A LINHA. O ESPAÇO INFRAESTRUTURAL ENQUANTO HABITAR CONTEMPORÂNEO
Tomás Abelha

P.110 O VAZIO URBANO COMO EQUIPAMENTO CULTURAL ALTERNATIVO NA CIDADE DO FUTURO: O CASO DO ZÉNITE EM LISBOA
Henrique Soeiro Andrade
Lorenzo Stefano Iannizzotto

#2 MODELOS DE HABITAÇÃO

Q3 COMO DESBLOQUEAR INOVAÇÃO NAS TIPOLOGIAS DE HABITAÇÃO?

P.120 BACK TO BASICS: REPENSAR O TIPO E OS ELEMENTOS DA ARQUITETURA
Tiago Lopes Dias

P.128 CASA COMUM. A HABITAÇÃO INTERGERACIONAL ENQUANTO MODELO DE BOAS PRÁTICAS
Inês Salema Guilherme

P.136 FLEXIBILIDADE E MEMÓRIA
Miguel Malheiro
Alexandra Saraiva

P.142 PROJETO BRANDA CIENTÍFICA: DA REATIVAÇÃO DE UM SISTEMA DE HABITAÇÃO ESTACIONAL
Ana Luísa Salgado
Nuno Valentim

P.148 THE FREEDOM OF CONSTRAINTS: INSIGHTS FROM THE INNOVATIVE HOUSING PROJECTS OF CACCIA DOMINIONI
Mahdi Alizadeh
Luís Viegas

Q4 COMO RENOVAR MODELOS DE HABITAÇÃO EM CONTEXTOS REGULAMENTARES RESTRITIVOS?

P.156 HABITAR O *TERROIR* PICO: A PROBLEMÁTICA DE RENOVAÇÃO DOS MODELOS DE HABITAÇÃO EM PAISAGENS CULTURAIS
Ana Laura Vasconcelos

P.163 121 A 123 DA RUA DA BAINHARIA
Olga Rita Álvarez Guillén
Teresa Fonseca

P.173 RESIDENTIAL HOME STRUCTURES PLUS 65 YEARS OLD IN LISBON, PORTUGAL. AUTOMATION OF THE SHAPE GRAMMAR RULES
Filipe Montenegro Guterres

#3 POLÍTICAS DE HABITAÇÃO

Q5 QUE ALTERNATIVAS ÀS ATUAIS POLÍTICAS DE RESPOSTA À CRISE DA HABITAÇÃO EM PORTUGAL?

P.181 O FUTURO DO PASSADO: O POTENCIAL DA ASSESSORIA TÉCNICA, DAS RENDAS RESOLÚVEIS E DAS COOPERATIVAS NO ACESSO A HABITAÇÃO CONDIGNA
Ana Silva Fernandes

P.187 PORQUÊ REPETIR OS MESMOS ERROS? UM OLHAR SOBRE O PROGRAMA CONSTRUIR PORTUGAL E SEU POTENCIAL IMPACTO NO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO
Nuno Travasso

P.196 “CAMINHO PARA O LAR”. A POLÍTICA E A PROPAGANDA DA “CASA PRÓPRIA” COMO HERANÇA A QUESTIONAR
Sérgio Dias da Silva

Q6 O QUE SE RETIRA DO PROGRAMA SAAL NA REPOSIÇÃO DO DIREITO À CIDADE E À HABITAÇÃO?

P.202 50 ANOS DEPOIS: A EVOLUÇÃO DOS BAIRROS SAAL EM LISBOA E NO PORTO
Ana Catarina Costa
Ricardo Santos

P.209 A HERANÇA METODOLÓGICA DO SAAL: O CASO DA ILHA DA BELA VISTA
Francisca Machado
Eduardo Fernandes

P.217 PREFABRICAÇÃO: UMA SOLUÇÃO FÁCIL PARA UM PROBLEMA COMPLEXO
Diego Inglez de Souza

#4 REABILITAÇÃO

Q7 COMO EQUILIBRAR AS METAS NET-ZERO COM A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO HABITACIONAL?

P.226 CONTRIBUTOS PARA UM ATLAS DE REUSO DO PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO
Teresa Cunha Ferreira
Pedro Murilo de Freitas

P.233 PROGRAMA HABITACIONAL DA COMISSÃO PARA O ALOJAMENTO DE REFUGIADOS (CAR)
Pedro Sá

Q8 QUE ABORDAGENS INOVADORAS DA REABILITAÇÃO URBANA PROMOVEM A HABITAÇÃO SUSTENTÁVEL?

P.246 CIDADES SAUDÁVEIS E QUALIDADE VISUAL URBANA
– ANÁLISE PRÉVIA À REABILITAÇÃO URBANA
Catarina Freitas

P.255 A ENVOLVENTE HABITÁVEL: UMA MUDANÇA DE PARADIGMA NA REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS
Cláudio Meireis

P.263 O REUSO NA ARQUITETURA: UMA OPORTUNIDADE PARA AS CRISES DO SÉCULO XXI
Ana Filipa Batista Alvanéo

P.271 SLOW LIVING E PERCEÇÃO
Beatriz Neves
Carla Andreia de Carvalho

P.276 CONVERTER EDIFÍCIOS DEVOLUTOS EM HABITAÇÃO ACESSÍVEL: REFERÊNCIAS PARA UMA RESPOSTA HABITACIONAL ADEQUADA EM ÁREAS URBANAS CONSOLIDADAS
Joana Mourão

#5 ENCOMENDA PÚBLICA

Q9 QUAL O BALANÇO CRÍTICO AOS CONCURSOS DE CONCEÇÃO PROMOVIDOS RECENTEMENTE PELO IHRU E PELA SRU LISBOA?

P.288 A ENCOMENDA PÚBLICA DE HABITAÇÃO A CUSTOS CONTROLADOS EM PORTUGAL. UMA ANÁLISE TIPOLÓGICA E CONSTRUTIVA
Rui Ferreira
Carlos Maia

P.297 CONCURSOS DE CONCEPÇÃO –
O DESAPARECIMENTO DA ARQUITECTURA NO DEBATE SOBRE A HABITAÇÃO
Nuno Castro Caldas

P.303 HABITAÇÃO CRÍTICA: RECOLHA E PARALELO DOS CONCURSOS DO IHRU
Luís Santiago Baptista
Nuno Griff

Q10 EM QUE MEDIDA OS PROGRAMAS DOS CONCURSOS PÚBLICOS CONDICIONAM A PROPOSTA DE MODELOS DE HABITAÇÃO RENOVADOS?

P.310 HABITAÇÃO CRÍTICA: O WORKSHOP COMO MODELO DE INVESTIGAÇÃO TIPOLÓGICA
Filipe Quaresma
Maria Pais

#6 HABITANTE

Q11 COMO INCLUIR OS HABITANTES NAS DECISÕES QUE DESENHAM O AMBIENTE CONSTRUÍDO RESIDENCIAL?

P.319 A PAISAGEM SONORA NO DESENHO PARTICIPATIVO DO ESPAÇO DOMÉSTICO
Marina Santos
Jorge Nunes

P.326 ARQUITETURA E IDEOLOGIA: UMA FIGURAÇÃO DO COMUM, A PARTIR DE CASA BRANCA
Daniel Jesus

P.334 HOW TO UNDERSTAND THE CLIENT USING APPLIED SEMIOTICS?
PROPOSAL OF COMMUNICATION MODEL AND ITS APPLICATION USING
THE EXAMPLE OF BAIRRO DO PEGO LONGO, BY BARTOLOMEU COSTA CABRAL
Krzysztof Michal Muszynski
Mariana de Oliveira Couto Muszynski

P.341 CAMINHAR-REPRESENTAR-IMAGINAR
NO BAIRRO DA EMBOLADOURA, EM GUIMARÃES, COM CRIANÇAS
Gabriela Trevisan
Mariana Martins de Carvalho

P.353 O PAPEL DA CULTURA EM ESTRATÉGIAS URBANAS INCLUSIVAS.
PERSPETIVAS E PRÁTICAS NA ZONA ORIENTAL DE LISBOA
Laura Pomesano

P.362 RUAS QUE CONTAM HISTÓRIAS: ARQUITETURAS DE PARTICIPAÇÃO DOS MORADORES DA LOMBA
Francisca Weiner
Joana Cruz

Q12 COMO FACILITAR O ACESSO DOS HABITANTES ÀS ATUAIS MEDIDAS DE APOIO À HABITAÇÃO?

P.369 ARQUITECTOS DE FAMÍLIA: ESTRATÉGIAS DE INTERMEDIAÇÃO
Ana Pires

#7 ADAPTAÇÃO ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

Q13 COMO CRIAR SOLUÇÕES RESPONSIVAS E SOCIALMENTE PARTICIPADAS DE ADAPTAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS?

P.383 ASSESSMENT OF OUTDOOR THERMAL COMFORT FOR AN AGE-FRIENDLY AND CLIMATE-ADAPTED PUBLIC SPACE
Rachita Klinmalee
Helena Corvacho

P.394 CLIMATE CHANGE AND ENVIRONMENTAL RACISM: LOCAL KNOWLEDGE AND PARTICIPATORY APPROACH AS A TOOL FOR ADAPTING PUBLIC SPACE
Kiki Moreira Soares
Fabiano Maciel Soares

P.399 DESENHO DO ESPAÇO PÚBLICO RESPONSIVO AO STRESS CLIMÁTICO: COMUNIDADE, ENVELHECIMENTO, VULNERABILIDADE
Ana Martins

P.409 UMA ANÁLISE DA CIRCULARIDADE DO SISTEMA ALIMENTAR A PARTIR DE PRÁTICAS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DO PORTO
Jeff Anderson

P.419 PROPOSTA DE PLANEAMENTO DE UMA REDE DE ABRIGOS CLIMÁTICOS – APLICAÇÃO À CIDADE DO PORTO
Maria Luísa Scharlau da Silva
Sara Maria dos Santos Rodrigues da Cruz

P.426 UM LUGAR À SOMBRA UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS ESTRATÉGIAS DE MITIGAÇÃO DAS ONDAS DE CALOR
Isabel Martinho da Silva
Rita Moura

P.434 A STEP-BY-STEP FRAMEWORK FOR ENHANCING WALKABILITY AND URBAN GREEN RESILIENCE: GUIDELINES FOR GREEN AND RESTING AREAS IMPLEMENTATION USING THE WIEH INDEX.
Franklin Gaspar
Fernando Brandão Alves

Q14 COMO OTIMIZAR O USO DE SISTEMAS PASSIVOS E CONDIÇÕES LOCAIS EM MODELOS DE HABITAÇÃO SUSTENTÁVEL?

P.449 A VARANDA MEDITERRÂNEA COMO UM ARQUÉTIPO DE BEM-ESTAR
Catarina Ribeiro
Nuno Ramos

P.456 ALÉM DO CONFORTO: REDEFINIR A VIVÊNCIA TÉRMICA NA ARQUITETURA
Pedro Santiago

P.463 ARQUITECTURA PARA MAIS DO QUE HUMANOS: PENSAR A SUSTENTABILIDADE A PARTIR DA REVALORIZAÇÃO DE DIMENSÕES ECOSSISTÉMICAS QUALITATIVAS NO PROJECTO
Bruno Marambio Márquez
Sergio Elórtegui Francioli

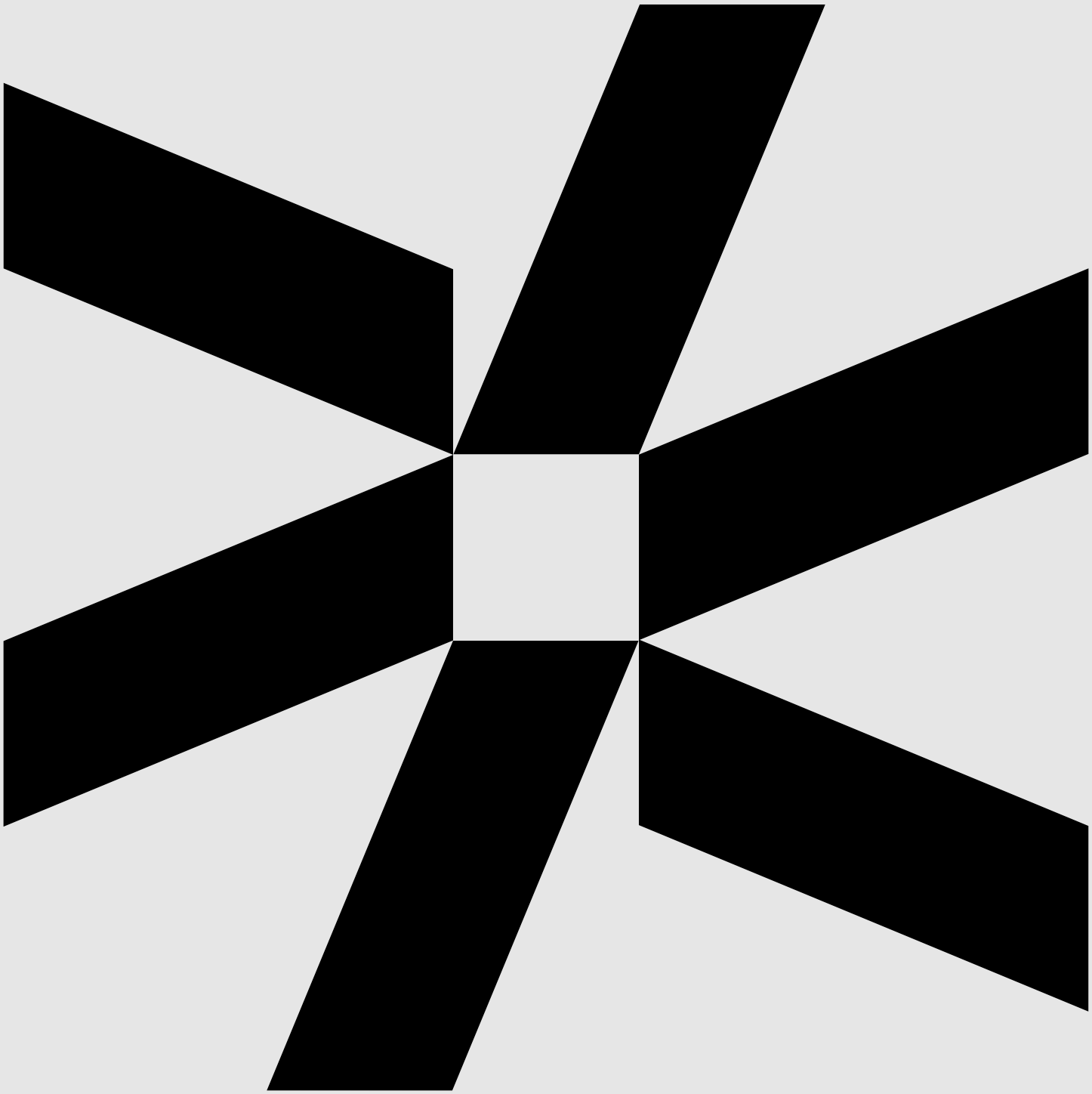
P.469 THERMAL AND NATURAL LIGHT COMFORT ANALYSIS OF BOUÇA SOCIAL HOUSING DEVELOPMENT IN PORTO, PORTUGAL
Susana Alexandra Santos Pereira
Paulo Jorge Figueira de Almeida Urbano de Mendonça

#1 CIDADE E ESPAÇO PÚBLICO

Habitação acessível, mobilidade eficiente, espaços sociais e equipamentos em rede, acessibilidade a pessoas com necessidades diversas, entre outros, são fatores chave na construção de sociedades sustentáveis e inclusivas, tendo a Arquitetura um papel fundamental não só na remoção de barreiras arquitetónicas, mas fundamentalmente no planeamento de um ambiente construído integrado. A habitação é uma peça chave na estruturação de espaços urbanos inclusivos. De igual modo, na gestão da cidade e do espaço público, os vazios urbanos representam um desafio crítico e oportunidades para o desenvolvimento de soluções inovadoras de reutilização. Este desafio levanta a discussão sobre estratégias para conjugar o potencial destes espaços com as necessidades e aspirações das comunidades locais.

Q2

QUE SOLUÇÕES HABITACIONAIS PARA A GESTÃO DOS VAZIOS URBANOS?



STARBURSTING
MAIS DO QUE CASAS
12 FEV 2025 FAUP
MAISDOQUECASAS.ARQ.UP.PT

O VAZIO URBANO COMO EQUIPAMENTO CULTURAL ALTERNATIVO NA CIDADE DO FUTURO: O CASO DO ZÉNITE EM LISBOA

HENRIQUE SOEIRO ANDRADE
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa
hssae1@iscte-iul.pt

LORENZO STEFANO IANNIZZOTTO
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa
lorenzo_stefano_iannizzotto@iscte-iul.pt

RESUMO

Na cidade contemporânea, existem espaços abertos abandonados, sem função produtiva ou uso específico, que aguardam planos futuros, denominados vazios urbanos, terrenos vacantes ou baldios. Estes espaços, embora muitas vezes encarados como um problema ou como uma *tabula rasa*, reservam potencial social, ecológico e cultural para a cidade do futuro; de facto, são locais de apropriações informais, e até de espécies vegetais espontâneas. Além disso, devido às suas características, estes espaços oferecem oportunidades para projetos criativos temporários e efémeros, performances e instalações site-specific, experiências no campo da arte, arquitetura e design urbano, urbanismo tático e práticas espaciais críticas. Além disso, quando essas práticas temporárias e efémeras são integradas em estratégias e planos urbanísticos de grande escala e a longo prazo, tais projetos questionam e superam as contradições associadas às categorias tradicionais de efémero e permanente, de função fixa e flexibilidade, demonstrando o potencial para a criação de um novo tipo de equipamento público para a cidade do futuro, que combina práticas temporárias e estratégias a longo prazo, estruturas fixas e flexíveis para diferentes funções e atividades, posicionando-se como uma solução alternativa a processos de gentrificação.

Este artigo pretende investigar as possibilidades, oportunidades e o potencial dos vazios urbanos como espaços para práticas criativas espaciais e críticas, propondo-se como um equipamento cultural urbano alternativo para a cidade do futuro, com os seus potenciais benefícios a partir de um caso de estudo. O artigo inclui, além de uma introdução teórica aos conceitos abordados, a descrição e análise de um estudo desse caso de estudo, o espetáculo Zénite (2024), encenado em Lisboa, no vale do Trancão, e uma leitura deste caso à luz das lentes teóricas apresentadas. Como discussão e conclusão, o artigo propõe refletir sobre o potencial destes espaços como equipamento cultural alternativo para práticas criativas temporárias, mas integradas em estratégias urbanas a longo prazo, flexíveis para vários usos e posicionados como solução contra a gentrificação dos espaços artísticos e culturais.

PALAVRAS-CHAVE

VAZIOS URBANOS ⌐ INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA ⌐ PLANEAMENTO URBANO ⌐ ESTRATÉGIA CULTURAL ⌐ EQUIPAMENTO CULTURAL

1. INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

Na cidade contemporânea, existem espaços ambíguos, quase invisíveis, difíceis de definir e interpretar. Estes lugares, gerados pela urbanização rápida e descontrolada, reflexo de falta de planeamento adequado à escala regional, não têm uma única definição e interpretação devido às suas características. *Terrain Vague* (Solà-Morales, 1995), Vazios Urbanos, Terrenos Vacantes (Brito-henriques, Cavaco, and Labastida 2019), Baldio (,Travasso 2022): são muitos os termos e definições para designar e descrever espaços urbanos inéditos, abandonados e subutilizados, onde o imprevisível e espontâneo prevalece sobre o planeado e controlado. Estes espaços despertaram o interesse e foram descobertos por artistas, fotógrafos e cineastas muito antes dos arquitetos e urbanistas, que através de derivas urbanas, passeios e fotografias captaram a sua liberdade e especificidade (Careri, 2006). Embora muitas vezes sejam designados e considerados vazios, estão longe de serem desprovidos de vida ou dinâmica. Com efeito, precisamente pelo seu estado de abandono e falta de controlo, são utilizados diariamente de forma espontânea e informal por diferentes comunidades (Iannizzotto, 2023), além de serem ricos em biodiversidade e ricos em espécies animais e vegetais não permitidas noutros locais (Brighenti, 2013). Além disso, pela sua disponibilidade imediata e pelas suas características, tornaram-se recentemente locais privilegiados para projetos temporários e de regeneração urbana baseados em práticas artísticas comunitárias e coletivas, que através do urbanismo táctico, de experiências artísticas e de desenho urbano (Kamvasinou and Roberts, 2014), visam a produção cultural, social e benefícios ecológicos (Cavaco, Santos, and Brito-Henriques, 2018; Gandy 2022). A prática artística permite operações experimentais que abordam criticamente o espaço, com origem em práticas *site-specific* (Antunes, 2023). A investigação artística propicia leituras espaciais críticas e intervenções que podem motivar a transformação e dinâmica de determinado lugar, razão pela qual alguns autores se referem a estas experiências através de denominações como Campo Expandido (Krauss, 1985) ou *Critical Spatial Pratice* (Rendell, 2008) (. Os lugares alternativos e periféricos podem funcionar como locais de transgressão, sociabilidade urbana e dinamização cultural, com potencialidade para contrariar processos de gentrificação (Traquino, 2010; Costa, 2016). Esta conceção justifica que a prática artística seja utilizada como um método de transformação urbana.

Este artigo propõe identificar e descrever benefícios e possibilidades de projetos artísticos com lugar em vazios urbanos, com foco em projetos de natureza efémera com intenções de intervenção no espaço, privilegiando a flexibilidade para usos futuros. Do ponto de vista metodológico, o artigo baseia-se na descrição e análise qualitativa de um único caso de estudo. Com este objetivo, propõe-se: uma introdução teórica dos conceitos expostos, A descrição de um único caso de estudo e a sua discussão à luz das lentes teóricas apresentadas, com foco em: i) potencial do vazio urbano; ii) prática espacial crítica; iii) potencial como um novo tipo de equipamento urbano; uma conclusão, na qual serão sintetizadas potencialidades, possibilidades e benefícios das práticas artísticas descritas.

2. O ESPETÁCULO ZÉNITE (2024)

2.1. ASSOCIAÇÃO CULTURAL *OUTRO*:

Outro, fundada em 2017, é uma associação cultural dedicada à investigação artística interdisciplinar. Opera principalmente na área do espetáculo experimentale através de uma plataforma (outro.pt) de divulgação de textos e materiais, resultantes ou orientadores da sua atividade.

Arena (2021), apresentado numa antiga garagem automóvel em Lisboa, constitui o primeiro de uma trilogia de espetáculos construídos em interação com o espaço que lhes serve de palco. A intervenção artística efémera resultante, considera as condicionantes dos lugares no processo criativo.

O segundo espetáculo, *Equador*, decorre no Centro Cultural de Belém. A rutura com a efemeridade da ocupação da oficina em Arena origina um processo de reflexão sobre o problema de não ter espaço. Esta questão aplica-se, não só

à escala do lugar concreto, mas também do direito ao espaço, como é explicado por Sílvio Vieira, diretor artístico: “muitos artistas não têm espaço para trabalhar, como muitos jovens (agora adultos) não têm uma casa a que possam chamar sua. Este problema concreto, articulado com a vontade artística de trabalhar os lugares e não apenas em lugares, deu origem a uma possível trilogia do espaço: ARENA--EQUADOR-ZÉNITE” (Outro, 2024).

2.2. ZÉNITE (2024) – INTERVENÇÃO ARTÍSTICA ESPACIAL

Zénite é o espetáculo que encerra a trilogia. Esteve em cena durante Julho de 2024, no Vale do rio Trancão e ruínas da Quinta da Barroca. O vale constitui um grande vazio urbano no concelho de Loures que vai afunilando os seus limites, à medida que se aproxima da foz (no Tejo) onde vai dando lugar ao edificado das freguesias Bobadela, S.João da Talha[1] e Sacavém.



Figura 1. Reflexos da paisagem no vale do Trancão, cedido por *Outro*, Filipe Ferreira ©

O espetáculo decorreu num percurso de 2km (TNDMII, 2024) que mapeia a paisagem em três momentos: miradouro, rio e ruína. O texto acompanha uma comunidade de seis personagens que habitam o lugar na sua interação com os problemas que decorrem dessa ocupação. Para tal, o texto é contagiado pela interação entre a equipa e o lugar, num processo experimental de investigação. Os limites físicos e as leituras sensíveis das paisagens contagiam o processo criativo, aceitando a efemeridade e a informalidade da ocupação[2].

1 Freguesias extintas. Lei n.º 39/2021, de 24 de Junho

2 Descrição do processo criativo. Teatro Nacional D. Maria II. “ZÉNITE,” July 4, 2024. https://www.youtube.com/watch?v=iJzZGsFM9AM.



Figura 2. Vista do miradouro com personagens descendo o rio, cedido por *Outro*, Filipe Ferreira ©

Por outro lado, existe um sentido de estratégia e intencionalidade que fica impresso pela intervenção artística no vale que se vai construindo durante o processo como uma intervenção que acrescenta ao lugar. Nesse sentido, o espetáculo inaugura uma plateia exterior constituída por 35 blocos de betão retangulares que utilizam desperdícios de demolição resultantes de uma reabilitação recente no Teatro Nacional D.Maria II, um gesto bastante simbólico em relação ao património cultural da cidade, mas também uma articulação com o equipamento cultural, a partir de um lugar que, à partida, é periférico em relação à cidade.



Figura 3. Espaço utilizado dentro da ruína, cedido por Outro, Bruno Simão ©

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Retomando parâmetros de análise enunciados na introdução, importa referir o modo como *Zénite* explora as possibilidades do Vazio Urbano, procura o contributo social e a articulação do lugar com o eixo cultural da cidade.

Devido às suas características, nomeadamente, ausência de edifícios ou funções produtivas, possibilidade de ocupações imediatas e efémeras a baixo custo, os vazios urbanos podem ter muita relevância em contexto de crise habitacional e consequentes operações urbanas de resposta, no sentido de propor novas soluções de habitar culturalmente a cidade do futuro. Deste modo, o Zénite constitui um exemplo significativo de uma estratégia de *placemaking,* passível de contribuir para ressignificar, consolidar, ou criar lugares. Ao nível de operações habitacionais o *placemaking* pode ser um complemento à construção - pública ou privada – essencial ao envolvimento de residentes com o espaço a habitar (Chisholm et al. 2023, 18), e ainda à articulação cultural e institucional à cidade.

O processo assume um papel preponderante no *Zénite*. É-lhe muito relevante a experiência dos artistas ao habitar este lugar enquanto se tenta materializar um espetáculo, quer pelas condicionantes físicas do vale, quer pela experiência humana e sensível de o habitar. É nesse plano que, a condição periférica, a informalidade e a efemeridade do lugar, informam o processo e orientam a investigação artística. Aplicando a definição de Brent Sturlaugson (2019) para ações *Critical Spatial Pratice* a este caso: o "Zénite" construiu-se por prática transdisciplinar, ativando participação em relação ao espaço, da equipa e mais tarde da audiência. Foi esse processo experimental que criou teoria que se tentou instrumentalizar em relação aos problemas daquele espaço, mas também do espaço em geral.

Em termos de valor social, a intervenção em estudo notabiliza um espaço "à margem" da cidade. São identificados e exaltados, utilizando a arte e a cultura como veículo, valores paisagísticos e patrimoniais preponderantes para informar futuras estratégias e intervenções urbanas. Apesar de efémero, o espetáculo imprime marcas no lugar físico, através da construção de uma plateia ao ar-livre. E ainda, ao nível da identidade do lugar, o Vale do Trancão foi espaço de assembleia pela cultura, articulado com o eixo cultural da cidade passa a constituir, por si, uma espécie de equipamento cultural. Desta forma, a intervenção pode ser considerada um gesto de intervenção espacial, alternativa a dinâmicas urbanas e culturais vigentes (Bishop, 2012: 275). A duração é simultaneamente condicionante e alvo de pensamento crítico, o que resulta numa proposta eticamente motivada de fazer perdurar o espetáculo no lugar (Beech, 2011: 314).

O "Zénite" é portanto, uma intervenção que parte das potencialidades informais de um vazio urbano, para conceber uma intervenção artística. Por outro lado, é também uma abordagem crítica ao espaço e ao lugar, configurando um gesto intencional em relação à sua conceção do que o espaço e este lugar em particular, devem ser.

3. CONCLUSÃO

Os vazios urbanos são espaços que motivam intervenções ou acontecimentos artísticos e culturais na cidade. Perante a possibilidade de pensar qual pode ser o seu papel em relação à cidade do futuro, estes fenómenos podem constituir oportunidades de fortalecer identidades de espaços periféricos ou no redesenho da cidade através de processos de *placemaking* (Schneekloth and Shibley, 1995). A informalidade destes acontecimentos contrasta com ações planeadas e estratégias urbanas de desenho do espaço público.

O vazio urbano tem um papel inquestionável a desempenhar na cidade, importa repensar a sua articulação com a cidade através de processos que não desconsiderem as possibilidades que residem na informalidade. Neste contexto, o vazio urbano pode ser reinterpretado e equiparado a um equipamento urbano, passível de receber dinâmicas de grande potencial para a prática artística, participação cidadã através da prática cultural, sociabilidade, inclusão e criação de comunidades e, consequentemente, afirmação e construção de identidade coletiva.

O *Zénite* enquanto intervenção artística imprime no Vale do Trancão atributos de equipamento cultural sem preencher o vazio urbano. O vazio é tratado como um espaço necessário à cidade, de presença tão inquestionável como outro equipamento urbano. Contudo, este ato desconstrói o conceito tradicional de equipamento cultural, numa lógica experimental necessária a pensar a cidade do futuro.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem sinceramente à Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) o financiamento de bolsas de investigação com as referências 2022.11783.BD e 2024.04693.BD, e ao DINÂMIA'CET-Iscte - Centro de Estudos Socioeconómicos e Territoriais o apoio às actividades de investigação dos autores.

Agradece-se ainda à associação *Outro*, e ao diretor artístico e de projeto Sílvio Vieira pela colaboração, disponibilidade e cedência de materiais que informaram o artigo. E ainda, a toda a equipa que colaborou no projeto *Zénite* pelo trabalho realizado e contributos que se esperam ter descrito neste artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antunes, Cláudia Varela. 2022. Performance city: Arte e arquitetura na construção de espaço público: A interdisciplinaridade na prática de muf architecture/art. Lisboa: [Tese de doutoramento, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa], Repositório Iscte.

Beech, Dave. 2011. "The Ideology of Duration in the Dematerialised Monument: Art, Sites, Publics and Time". In Locating the Producers: Durational Approaches to Public Art, editado por Paul O'Neill and Claire Doherty, 313–325. Amsterdam: Valiz.

Bishop, Claire. 2012. Artificial Hells: Participatory Art and the Politics of Spectatorship. London:Verso Books.

Brighenti, Andrea Mubi. 2013. Urban Interstices: The Aesthetics and the Politics of the In-Between. Farnham: Ashgate.

Brito-henriques, Eduardo, Cristina Cavaco, and Marta Labastida. 2019. Ruínas e Terrenos Vagos. Explorações, Reflexõs e Especulações. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.

Careri, Francesco. 2006. Walkscapes. Camminare Come Pratica Estetica. Milano: Einaudi.

Cavaco, Cristina, Rafael Santos, João, and Brito-Henriques, Eduardo. 2018. Ideas For Intervention in abandoned urban spaces experiences from eastern Lisbon and Barreiro. Lisboa: Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa.

Chisholm, Elinor, Crystal Olin, Ed Randal, Karen Witten, and Philippa Howden-Chapman. 2023. "Placemaking and Public Housing: The State of Knowledge and Research Priorities". Housing Studies 39 (10): 2580–2605. doi:10.1080/02673037.2023.2206799.

Costa, Pedro and Lopes, Ricardo. 2016. “Dos dois lados do espelho: diálogos com um bairro cultural através da intervenção urbana”. Etnográfica, 22(2)), 395-425. DOI: 10.4000/etnografica.5572

Gandy, Matthew. 2022. Natura Urbana. Ecological Constellations in Urban Space. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.

Iannizzotto, Lorenzo Stefano. 2023. “Urban Wilderness: A Journey through Lisbon Terrain Vague”. Scopio magazine architecture, Art and Image 1 (1): 32–41. https://doi.org/10.24840/1647-8274_2023-0001_0001_2.

Krauss, Rosalind. 1985. The originality of the avant-garde and other modernist myths. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.

Kamvasinou, Krystallia, and Roberts, Marion. 2014. Interim Spaces: Vacant Land, Creativity and Innovation in the Context of Uncertainty. In Terrain Vague: Interstices at the Edge of the Pale, edited by Manuela Mariani and Patrick Barron, 187–200. New York: Routledge.

Rendell, Jane. 2008. Critical spatial practice. Art Incorporated. Køge: Kunstmuseet Koge Skitsesamling.

Solà-Morales, Ignasi de. 1995. Terrain Vague. In Anyplace, edited by Cynthia Davidson, 118–23. Cambridge, Massachusetts : MIT Press.

Schneekloth, Lynda H., and Robert G. Shibley. 1995. Placemaking: The Art and Practice of Building Communities. New York: John Wiley & Sons.

Sturlaugson, Brent. 2019. “Critical Spatial Practice”, Critical Spatial Practice Forum. Consultado em 09/09/2024. https://www.societyandspace.org/forums/critical-spatial-practice

Outro. 2024. “ZÉNITE /2024”. Consultado em 09/09/2024, 2024. https://www.outro.pt/criacoes/zenite

TNDMII: Teatro Nacional D.Maria II. 2024. “Abril Abriu: Zénite”. Consultado em 09/09/2024, 2024.

https://www.tndm.pt/pt/abril-abriu/abril-abriu/zenite/

Teatro Nacional D. Maria II. “ZÉNITE”. Consultado em July 4, 2024. https://www.youtube.com/watch?v=iJzZGsFM9AM

Traquino, Marta. 2010. A Construção do Lugar pela Arte Contemporânea. Ribeirão, Húmus.

BIOGRAFIAS

LORENZO STEFANO IANNIZZOTTO

Lorenzo Stefano Iannizzotto (Catania, 1994) é arquiteto, PhD student e investigador do DINÂMIA'CET-Iscte com a bolsa financiada pela FCT intitulada "THE CARTOGRAPHY OF THE IN-BETWEEN: Rethinking Urban Voids Approach for New Urban Challenges", também é Visiting Researcher na University of Westminster, Londres, e em Florença, Itália. Concluiu o mestrado na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Florença em 2021, e a sua dissertação intitulada "Construir Entre" foi publicada em 2023. Em 2018 e 2021, trabalhou como arquiteto no atelier Ventura Trindade Arquitectos (Lisboa) e participou no projeto de investigação "SizaATLAS. Filling the Gaps for World Heritage".

CIENCIAVITAE B317-C050-4FBB
ORCID 0000-0002-1955-1078

HENRIQUE SOEIRO ANDRADE

Henrique Soeiro Andrade (Lisboa, 1996) é Arquiteto (FAUL), paralelamente, realizou licenciatura em Desenho (FBAUL). PhD student e investigador do DINÂMIA'CET-Iscte com a bolsa financiada pela FCT intitulada "ARQUITETURA EM PROCESSO: Laboratório experimental criativo como metodologia de intervenção espacial ". No Projeto Final de Mestrado aborda o estudo da "imagem" como metodologia projetual, de leitura e interpretação do território. Desde 2022, professor do ensino secundário e profissional. Realiza também atividade independente de investigação e produção artística (henriqueandrade.cargo.site).

CIENCIAVITAE D412-9FD3-915F
ORCID 0009-0008-9893-2311